



# Horta Agroecológica e o diálogo indispensável com a Fitoterapia

Juana Nahomi Paulet Kerry<sup>1</sup>, Thiago Moura Tavares<sup>2</sup>, Renally Soares Bento<sup>3</sup>, Ronaldo Fernandes Gonçalves<sup>4</sup>, Maria Luíza Santos Santana<sup>5</sup>, Iluska Pinto da Costa<sup>6</sup>, Paula Frassinetti Oliveira Cezário<sup>7</sup>  
paula.oliveira@professor.ufcg.edu.br e iluska.pinto@professor.ufcg.edu.br

**Resumo:** O Projeto “Horta Agroecológica e o diálogo indispensável com a Fitoterapia” teve como objetivo implantar as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Estratégia Saúde da Família em Cajazeiras-PB. Empregando a metodologia pesquisa ação se obtiveram os resultados: conhecimentos sobre a Fitoterapia e a sua relação à Atenção Primária à Saúde. Até então a comunidade foi e continua sendo beneficiada pelo plantio da horta agroecológica e pela disseminação de conhecimento a respeito da fitoterapia.

**Palavras-chaves:** Práticas Integrativas e Complementares, Fitoterapia.

## 1. Introdução

O uso de plantas com fins terapêuticos é uma das mais antigas formas de prática medicinal da humanidade. Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS) planta medicinal é todo e qualquer vegetal que possui propriedades medicinais, em um ou mais órgãos, com possibilidade de uso terapêutico [1].

As hortas desenvolvidas em comunidades além do caráter social de oferecer, sem fins lucrativos, assistência farmacêutica fitoterápica de base científica, funcionam como adjuvantes da atenção primária à saúde, especialmente ao empregar plantas de ocorrência local e regional com atividades medicinais comprovadas [2].

Baseando-se nesses dois saberes, a incorporação da fitoterapia ao Sistema Único de Saúde (SUS), compondo uma das Práticas Integrativas e Complementares (PIC), representou não apenas mais um arsenal terapêutico à disposição dos profissionais de saúde mais também o resgate de uma prática milenar, em que se tem a interação do conhecimento popular e o científico com suas diferentes perspectivas sobre o processo saúde-doença. [3].

Cabe lembrar que as PIC possuem como objetivo primário a promoção da autonomia, do autocuidado e da saúde voltada para o sujeito, pois em contrapartida, existe o modelo biomédico tão difundido nas universidades o qual é focado nas patologias, diagnóstico e medicalização [4].

Porém, infelizmente, a implementação das PIC como a fitoterapia na comunidade apresenta desafios devido à qualificação profissional como também a divergência entre o modelo biomédico de ensino e a abordagem delas [4]. Conforme Tesser (2009) a exploração acadêmica do campo das PIC tem repercutido pouco sobre a saúde coletiva e o SUS, embora várias práticas complementares e os acadêmicos participantes portem de conhecimentos e técnicas voltadas à promoção da saúde [5].

Diante do exposto, considerando a adoção da PNPIC e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos como também o desconhecimento por parte da população da existência de toxicidade e ação terapêutica das ervas medicinais[6], desenvolver uma horta com base nos conhecimentos da fitoterapia junto a determinada população torna-se importante, podendo auxiliar a melhorar a qualidade de vida e contribuir com a implementação das políticas públicas adotadas pelo SUS.

Assim, o presente projeto buscou desenvolver uma horta agroecológica com base em plantas medicinais junto à comunidade da Unidade Básica de Saúde do Multirão I, na cidade de Cajazeiras-PB, em 2022. E desse modo, poder agregar conhecimento à população e autonomia como também incentivar o uso correto das plantas com fins medicinais. Além disso, poder-se-á proporcionar benefício de ordem econômica, ajudando a melhorar a qualidade de vida da população, especialmente da mais carente.

## 2. Metodologia

O presente projeto utilizou-se da metodologia da pesquisa ação do autor Thiollent, (2013), uma vez que o método propõe intervenções e produções de conhecimentos, assim como permite a realização de diagnóstico situacional, identifica possíveis problemas, define metas e objetivos a serem alcançados.

Para alcançar os objetivos propostos primeiramente, os extensionistas participaram de várias capacitações de modalidade presencial e virtual com a finalidade de compreender conceitos básicos para assim desenvolver o projeto efetivamente. As capacitações realizadas foram a partir do assunto principal: Práticas Integrativas e

<sup>1</sup>Juana Nahomi Paulet Kerry, Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil

<sup>2</sup>Thiago Moura Tavares, Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil

<sup>3</sup>Renally Soares Bento, Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil

<sup>4</sup>Ronaldo Fernandes Gonçalves, Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil

<sup>5</sup>Maria Luíza Santos Santana, Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil

<sup>6</sup>Iluska Pinto da Costa, Professor da CTE/ ETSC/ UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

<sup>7</sup>Paula Frassinetti Oliveira Cezário, Professor da CTE/ETSC, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

Complementares, sendo elas efetuadas através da leitura de artigos; participação de Simpósio de práticas integrativas e complementares (SIMPICS), onde resgataram-se as experiências e aprendizados de demais projetos similares efetuados; análise de vídeos sobre Educação Popular e Práticas Integrativas e Complementares no portal YouTube e palestra sobre a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (Pnep-SUS). (Figura 2 e 3).

Seguidamente, as capacitações foram mais específicas em relação à nossa área de atuação, com a revisão artigos científicos, análise de vídeos referentes à importância da Fitoterapia na Atenção Primária em Saúde e realização de um curso de Fitoterapia pelo AVASUS. Esta última, sendo importantíssima para poder ter uma maior aproximação da temática sobre as formas de cultivo, coleta, armazenamento, higiene, preparo e uso correto das plantas medicinais e demais componentes da Horta Agroecológica.

Após a respectiva capacitação dos extensionistas, foram iniciadas as devidas visitas ao lugar de atuação. A primeira foi uma Visita técnica da equipe, conformada por todos os participantes do programa ao ESF Francisco Alves (Multirão I) com a finalidade de apresentar o programa à equipe e principalmente para que os extensionistas conheçam a área de trabalho. (Figura 4).

Em seguida aconteceram os encontros dos participantes do programa com a comunidade no Multirão I em diversas datas programadas no decorrer do período vigente. Cabe salientar que nos primeiros encontros presenciais o foco foi a partilha e a troca de conhecimentos científicos e populares entre os participantes sobre as plantas medicinais mais usadas na região e a variedade de nomes coloquiais que elas possuíam, desenvolvendo-se assim uma discussão em torno das propriedades de determinadas plantas escolhidas pelos participantes e sobre o uso adequado delas. (Figura 5 e 6)

Em várias ocasiões, os participantes traziam amostras das plantas que tinham disponível nas próprias hortas agroecológicas (Figura 7) aumentando assim, a riqueza da experiência e concedendo a oportunidade de plantação daquelas amostras na horta do Multirão Francisco Alves. (Figura 8 e 9)

Entre cada encontro os extensionistas trocavam ideias para abordar da melhor maneira possível cada ação, sempre distribuindo as tarefas de forma equitativa para garantir a participação de todos. Como no caso da elaboração do panfleto intitulado “lambedor de ervas medicinais” (Figura 10), usado em uma ação para desenvolver a discussão de um exemplo de preparações fitofarmacológicas, sendo este último, o assunto principal. Por outro lado, cabe salientar, que sempre mencionávamos as importâncias das precauções necessárias e as restrições referentes ao uso de plantas medicinais e fitoterápicos.

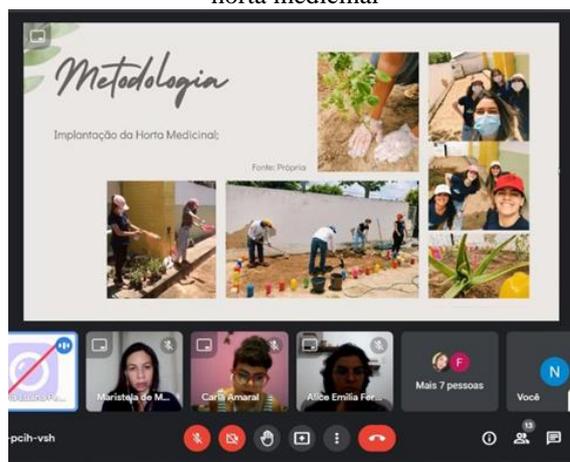
Como já mencionado, o nosso lugar principal de atuação foi no Multirão I “Francisco Alves”, no entanto, o projeto teve a grande oportunidade de participar também como convidado de uma ação com foco no Outubro Rosa, onde se desmascararam diversos mitos entre a relação das plantas medicinais e as doenças

neoplásticas, especificamente falando, o câncer de mama e a saúde da mulher. (Figura 11)

Por outro lado, cabe mencionar que além de organizar-nos com a preparação dos materiais para o dia da ação (Figura 12), também realizávamos o convite de maneira digital e compartilhávamos virtualmente fazendo uso das redes sociais com a finalidade de ter uma maior adesão nas ações. (Figura 13)

Cada ação e atividade realizada pelo projeto possuía uma dinâmica em comum: a troca de saberes científicos e populares mediante a partilha da comunidade com os extensionistas, o que garantia uma experiência enriquecedora para todos os presentes.

Figura 1 – Imagem sobre a apresentação do projeto horta medicinal



Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 2 – Esquema dos princípios da PNEPS-SUS



Fonte: Google, 2022.

Figura 3 – Encontro de toda a equipe LEPSPI



Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 4 – Visita técnica da equipe à área de trabalho



Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 5 – Apresentação das plantas medicinais mais conhecidas



Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 6 – Partilha sobre as principais plantas medicinais encontradas na região



Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 7 – Amostra trazida pela participante



Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 8 – Plantação feita por uma participante



Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 9 – Plantações feitas pelos extensionistas



Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 10 – Panfleto



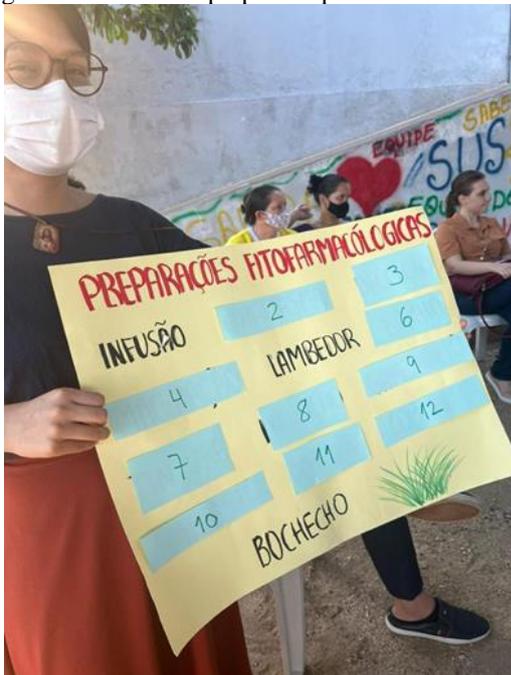
Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 11 – Participação do projeto em uma ação conjunta com outros projetos.



Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 12 – Material preparado para dia de encontro



Fonte: Artigo do próprio autor

Figura 13 – Última ação realizada com sucesso



Fonte: Artigo do próprio autor

### 3. Resultados e Discussões

O Brasil detém de uma diversidade cultural e étnica abundante, as quais sustentam vários conhecimentos acumulados com o passar das gerações inclusive conhecimentos a respeito do manejo e uso de plantas medicinais [7]. Assim como frutas, verduras e hortaliças, as plantas medicinais são comumente comercializadas nos mercados populares, nas feiras livres, como também podem estar presentes nos quintais e residências, principalmente nas regiões mais pobres do país. Apesar de ser uma prática antiga da civilização, o uso de plantas medicinais para recuperar a saúde se destaca na atualidade, sobretudo pela sua eficácia e o seu baixo custo [8].

No entanto, os fitoterápicos e as plantas medicinais apresentam em sua composição uma diversidade de substâncias complexas capazes de provocar diversas reações benéficas ou maléficas ao organismo, além de serem responsáveis por ocasionar efeitos sinérgicos e antagônicos quando associadas a outros medicamentos. Com isso, as interações medicamentosas, juntamente com as intoxicações, constituem os maiores riscos do uso indiscriminado destes medicamentos como efeitos adversos, visto que, a maior parte destes, possuem efeitos adversos desconhecidos [9].

Partindo dessa preocupação, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), lançada em 2006, começou a oferecer aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) a Fitoterapia com o objetivo de incorporar e implementar as Práticas Integrativas e Complementares à atenção básica na perspectiva da prevenção, promoção e recuperação da saúde [10]. Sendo que, a partir disso, municípios brasileiros vêm incorporando nas últimas duas décadas Programas de Fitoterapia na atenção primária, com a finalidade de ampliar as opções terapêuticas e suprir carências medicamentosas de suas comunidades e, assim, melhorar a atenção à saúde ofertada aos usuários da rede pública [11].

Com fundamento nisso, as ações realizadas pelo projeto tiveram como proposta aprofundar sobre o uso das plantas medicinais no cotidiano da comunidade, e como propósito a participação e a importância da troca de informações a serem repassadas. Durante as atividades foram elaboradas metodologias contemplando a temática, através de folhetos, rodas de conversas, exposições com jogos de forma clara e objetiva para o aprendizado.

O projeto proporcionou a partir dessas ações, debates entre a comunidade e os extensionistas, e através das discussões foi possível expandir informações relevantes sobre cada temática. A colaboração e o apoio do número dos moradores promoveram a possibilidade e o acesso ao conhecimento, isso contribuiu para o aumento das trocas de informações sobre a fitoterapia enriquecendo assim, o aprendizado.

É verificado os resultados foram obtidos totalmente ou parcialmente no tempo por meio das temáticas. Os motivos que facilitam alcance previstos foi a realização de ações educativas na comunidade programadas e com objetivos alcançados. A seguir, uma tabela sintetizando

os resultados quantitativos e qualitativos em relação às datas.

Tabela 1 – Resultados quantitativos e qualitativos

Mês	Atividade	Resultados
06/22	Reunião geral e dinâmica de acolhimento dos coordenadores e extensionistas.	Ampliação dos conhecimentos acerca do projeto de extensão.
07/22	Reunião, criação da conta do Instagram, logo e compartilhamento de matérias e simpósios.	Construção da logomarca LEPSPI e absorção de conhecimentos.
08/22	Visita dos extensionistas a ESF Francisco Alves (Mutirão I), apresentação da equipe e LEPSPI.	Conhecer a área do local a ser desenvolvido as ações.
09/22	Treinamento dos extensionistas com o curso de Fitoterapia pela plataforma AVASUS e partilha de informações na rede social sobre as PICS.	Conscientização sobre a temática e promoção de conhecimento.
10/22	Elaboração dos matérias: panfletos;	Informações sobre o preparo de lambedor.
10/22	Ensaio da peça teatral.	Conscientização saúde da mulher
11/22	Reunião e elaboração do material dinâmico sobre as preparações fito farmacológicas.	Informações dinâmicas e estratégias interativas.
12/22	Retrospectiva publicado na rede social Instagram.	Compartilhar conhecimentos durante a vigência de junho a dezembro.

#### 4. Conclusões

O projeto enfrentou desafios na sua implementação, como a baixa adesão de participantes da comunidade alvo em algumas rodas de conversa. Entretanto, foram adotadas medidas como maior promoção das ações, o que permitiu atrair o público de forma mais eficiente. Ademais, mesmo diante dos desafios enfrentados, pode-se concluir que os objetivos previamente propostos por essa extensão foram alcançados, tendo em vista que a comunidade da Unidade Básica de Saúde (UBS) Mutirão foi e continua sendo beneficiada pelo plantio da horta agroecológica e pela disseminação de conhecimento a respeito da fitoterapia.

A proximidade com a comunidade e o fato de haver um diálogo, mesmo com os desafios enfrentados, foi um

grande ponto desse projeto. Este fato permitiu aos extensionistas aprender mais sobre a população local, como também proporcionou-lhes a oportunidade de pesquisar acerca da fitoterapia de forma a garantir adequado embasamento científico nas palestras e rodas de conversa promovidas. Destaca-se o pioneirismo da extensão na região, contribuindo para que novos estudos e projetos no tocante à fitoterapia e implementação de horta agroecológica no ambiente das unidades básicas de saúde sejam desenvolvidos no sertão paraibano.

#### 5. Referências

[1] VEIGA JUNIOR, Valdir F.; PINTO, Angelo C.; MACIEL, Maria Aparecida M.. Plantas medicinais: cura segura?. **Química Nova**, [S.L.], v. 28, n. 3, p. 519-528, jun. 2005.

[2] PAIXÃO, J. L. F.; HUBERTO, D.; OLIVEIRA, J. E. Z. E. Horta orgânica de ervas medicinais: inclusão social na comunidade da Barra em Muriaé/MG - Brasil. **Revista Agrogeoambiental**, Pouso Alegre, v. 5, n. 2, caderno II, p.19-30, ago. 2013.

[3] FIGUEREDO, Climério Avelino de; GURGEL, Idê Gomes Dantas; GURGEL JUNIOR, Garibaldi Dantas. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 381-400, 2014.

[4] COSTA, Christiane Gasparini Araújo *et al.* Hortas comunitárias como atividade promotora de saúde: uma experiência em unidades básicas de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 20, n. 10, p. 3099-3110, out. 2015.

[5] TESSER, Charles Dalcanale. Práticas complementares, racionalidades médicas e promoção da saúde: contribuições pouco exploradas. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 25, n. 8, p. 1732-1742, ago. 2009.

[6] VALVERDE, Amanda Viegas; SILVA, Nina Cláudia Barboza da; ALMEIDA, Mara Zélia. Introdução da Fitoterapia no SUS: contribuindo com a estratégia de saúde da família na comunidade rural de palmares, paty do alferes, rio de janeiro. **Revista Fitos**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 27-40, 2018.

[7] Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

[8] MOURA, C. N. **Plantas medicinais: cultivo e uso terapêutico**. Governador Mangabeira – BA: IFBA, 2021. Disponível em:

<https://www.ifbaiano.edu.br/unidades/gmb/files/2021/04/Cartilha-PLAME-2.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2023

[9] TEIXEIRA, João Batista; SANTOS, José Vinícius Dos. Fitoterápicos e Interações Medicamentosas. Programa de Plantas Medicinais e Terapias Não-convencionais, Juiz de Fora, MG, v. 6, p.1-5, mai. 2011.

[10] MATTOS, G. et al. Plantas medicinais e fitoterápicos na Atenção Primária em Saúde: percepção dos profissionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 11, p. 3735–3744, nov. 2018.

[11] SANTOS, R. L. et al. Análise sobre a fitoterapia como prática integrativa no Sistema Único de Saúde. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 13, n. 4, p. 486–491, 2011.

### **Agradecimentos**

À UFCG pela oportunidade da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG.

À comunidade e aos profissionais de saúde que abriram espaço para realizar as atividades.

À Professora Paula Frassinetti Oliveira Cezário e a Professora Iluska Pinto da Costa por todo o conhecimento transmitido.

Por fim, agradecemos a todos os extensionistas que fizeram parte deste projeto e, sem os quais, nada disso seria possível.